

PESQUISAS

INTOLERÂNCIA E IDENTIFICAÇÃO: O MOVIMENTO EMO NO BRASIL

Flávia Barbosa Evangelista

O movimento *Emo* iniciou-se por volta dos anos 80 e descrevia a princípio, um gênero musical derivado do *Hardcore*, o *Emocore*, termo derivado de *emotional hardcore* e disseminado como, simplesmente, *Emo*. No Brasil a chegada do movimento deu-se em 2003, estabelecendo-se na cidade de São Paulo, seguindo posteriormente para outras cidades da região Sul e Sudeste, sobretudo. Hoje em dia o movimento não se define mais apenas como um gênero musical, mas também como grupo identificado em sua forma de vestir-se, na expressão de seus sentimentos e de sua sexualidade.

O processo de identificação é um dos conceitos chave da teoria psicanalítica, tendo sido tratado por Freud em diversos textos e, também discutido por Lacan em seus seminários. Este conceito foi utilizado como fio condutor para realização deste trabalho. Em termos simples identificação designa o processo principal através do qual o sujeito se constitui e se transforma, através da assimilação ou apropriação de aspectos dos sujeitos que os cerca. Os *Emos* não são o primeiro grupo com traços característicos de visual e

comportamento que reúnem adolescentes. Muitos outros já se esgotaram e outras tantas tribos ainda podemos citar no cenário atual.

O objetivo deste trabalho foi: entender os interesses deste grupo, o motivo que os levam a reunir-se em torno deste modelo de identidade, bem como a forma que este modelo é visto pelos outros grupos. Neste sentido visou compreender como este modelo específico se assemelha e difere de outros movimentos atuais e passados.

Para a realização desta pesquisa, durante a coleta de dados, a técnica utilizada foi a dos grupos focais; metodologia intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. Esta metodologia visa à coleta de dados através das trocas grupais que a discussão de um tema sugerido pode suscitar; assim a opinião dos participantes foi sempre considerada como opinião do grupo e utilizada na análise, mesmo quando esta não foi obtida por consenso. Foram realizados dois encontros, com duração aproximada de 50 minutos cada. Nestes encontros foram abordados os seguintes eixos temáticos: as características dos integrantes do grupo *emo*; diferenças que apreendemos entre o movimento *emo* e outros movimentos e grupos; motivos que levariam as pessoas a tornarem-se *emos*; importância da identidade visual para os grupos, e em especial para os *emos*;

formas de expressão dos integrantes do movimento *emo* e interação com outros grupos; análise do movimento *emo* como sintoma social. Os participantes foram 10 alunos do curso de Psicologia da UFSCar, com idade entre 20 e 24 anos, selecionados sem preferência quanto ao gênero. Os critérios para a participação foram: a manifestação de interesse, ser aluno da graduação em Psicologia, ter disponibilidade de tempo compatível com os demais sujeitos e a mediadora e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Ser integrante do movimento *emo* não se fez critério para seleção dos participantes, uma vez que os discursos e crenças a respeito do grupo estão disseminados pela cultura; e uma vez também que é este o discurso de interesse para esta pesquisa (para que possa se realizar a análise da percepção de parte da sociedade sobre o fenômeno em estudo).

Os resultados ilustram um panorama desta construção social moderna - a adolescência - dentro da sociedade em que vivemos, e mostra o movimento *Emo* como uma ideia redentora de identificação frente a uma realidade onde as tradições estão diluídas e espera-se mesmo que os jovens possam se identificar de forma reflexiva. A forma de expressão estética de seus integrantes passa a ser reproduzida como ideal de eu e a mídia e o mercado de consumo absorvem e reproduzem estes valores em massa, facilitando o acesso e

fortalecendo a necessidade de que estes bens sejam consumidos. As agressões dirigidas aos integrantes do Emo foram analisadas e compreendidas dentro do campo das ideias que postulou Freud em seu *Mal estar na civilização* - portando-se de forma diferente os integrantes deste grupo passariam logo a sujeitos estigmatizados, que não merecem ser amados. Desta forma fica permitido que sejam maltratados em nome dos ditos normais, para que estes últimos possam dar vazão ao mal estar proporcionado pela vida em comunidade.

Nota

Pesquisa realizada entre os anos de 2009/2010. Pesquisadores integrantes do Grupo de Pesquisa Sintomas da Clínica Contemporânea, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: flavia.evangelista@yahoo.com.br

Bibliografia

AQUINO, A. P. (2008). *Da Lei às leis: reflexões teórico-clínicas sobre os inimputáveis*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília. Inédito.

BAILEY, B. (2005). *Emo Music and Youth Culture*. Em S. Steinberg, P. Parmar e B. Richard (eds.), *Encyclopedia of Contemporary Youth Culture*. Greenwood Press. Westport, CT.

BERTOL, C. E., DE SOUZA, M (2010). Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*. v. 30, n. 4, p. 824-839. Brasília.

COUTINHO, L. G. (1999). Da metáfora paterna à metonímia das tribos. *Revista Rubedo*. Ano II, nº 4. Rio de Janeiro

DA POIAN, C. (2002). *Os novos caminhos da identificação*. Disponível em: <http://www.cprj.com.br/internas/interna.php?cod=72>. Acesso em: 27 set. 2009. Inédito.

DOS SANTOS, F. (2009). *Emo - Uma tribo*. Acesso em 16/06/2009, em: <http://chico.f.santos.googlepages.com/emo-uma-tribo.html>

GOFFMAN, E. (1988). *Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Quarta Edição. LTC. Rio de Janeiro.

GONDIM, S. M. G. (2002). Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. *Paideia*. v. 12, n. 24, p. 149-162. Ribeirão Preto.

FANTINI, J. A. (2009). A agressividade e o Nome-do-Pai. *Imagens do Pai no Cinema - Clínica da Cultura*. Ed. Edufscar. v. 1, p. 19-25. São Carlos.

_____. A angústia no sujeito pós-moderno. *Imagens do Pai no Cinema - Clínica da Cultura*. Ed. Edufscar. v. 1, p. 99-105. São Carlos.

FREUD, S. (1921). *Psicologia de grupo e análise do ego*. Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1988. v. XVIII.

_____. (1930). *O mal-estar da civilização*. Obras Completas. Rio de Janeiro, Imago, 1988. v. XXI. (Aquino, 2008)

HOOK, Derek (2006). 'Pre-discursive' racism. Acesso em 16/06/2009, em: <http://eprints.lse.ac.uk/archive/00000957>

LAPLANCHE, J., Pontalis, J. B. (1988). *Vocabulário de Psicanálise*. 10ª edição. Martins Fontes. São Paulo.

MACHADO, L. V., OLEKSZECHEN, N. (2008). *Uma discussão sobre a constituição da identidade na pós-modernidade*. Apresentação de Trabalho. Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

MERLIN, J. (1999). *Do muro ao murro*. Apresentação de Trabalho. Jornada "Os sintomas em Voga", Escola da Causa Analítica. Rio de Janeiro.

COTES, P. (2009). Punks no jardim de infância. *Revista Época*. Acesso em: 06/05/2009, em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca>

ROSA, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar à cena social. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 227-241.

ROUDINESCO, E., PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

ZIZEK, S. (1999, 30 de dezembro). O superego pós-moderno. *Folha S. Paulo* - cad. Mais!